SOBRE OUTRAS HISTÓRIAS DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA ARTE: DIÁLOGOS ENTRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

ABOUT OTHER STORIES OF PHOTOGRAPHY IN ART TEACHING: DIALOGUES BETWEEN PEDAGOGICAL PRACTICES

Tainá Silva[1]
Universidade Federal do Pará

Claudia Leão[2]
Universidade Federal do Pará

RESUMO
O seguinte trabalho é um diálogo entre aluna e professora da graduação de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, a partir das práticas pedagógicas realizadas na disciplina “Fundamentos da Fotografia e Laboratório de Fotografia” e das discussões geradas a partir do Projeto de Pesquisa “Sobre Outras Histórias Críticas da Fotografia e das Artes nas Amazônias Paraenses”, para criação de atividades pedagógicas para graduação e suas possibilidades de aplicação no Ensino Básico. Com isso o artigo também é um relato de experiência sobre o planejamento de aula e regência na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho, como um requisito para a disciplina de graduação “Estágio em Ensino das Artes Visuais/Ensino Médio” realizada no segundo semestre de 2023, a fim de praticar a socialização da pesquisa em Artes Visuais produzida na Iniciação Científica na Universidade Federal do Pará. A triangulação, neste sentido, trata-se de uma ferramenta importante para formação de professores/as de Artes Visuais, construindo possibilidades de reflexão e atuação na graduação e nas formulações de planejamento e metodologias de ensino em Artes Visuais.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Ensino da Fotografia. Estágio Supervisionado. Ensino Médio. Histórias Criticas da Fotografia nas Amazônias.

ABSTRACT
The following work is a dialogue between a student and a professor from the Undergraduate Degree in Visual Arts Education at the Federal University of Pará, based on the pedagogical practices carried out in the course "Fundamentals of Photography and Photography

[1] Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Pesquisadora em formação, bolsista PIBIC/CNPq. Integrante do Grupo de Pesquisa LabAmpe/CNPQ/UFPA E-mail: taina9612@gmail.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/9083523924485501.ORCID:https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0003-9416-1146.

[2] Iyálewa do Ilê Omorooyáodé, fotógrafa e professora Associada da Universidade Federal do Pará (FAV/PPGARTES/ETDUFPA/Parfor-AV). Líder do grupo de Pesquisa Arte Política e Experimentação na/da Amazônia Paraense (LabAmpe) Co-coordenadora da Sala Táta Kinamboji E-mail: aclaudialeao@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-4005-3436. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3091200390689592.

Laboratory" and the discussions generated from the Research Project "On Other Critical Histories of Photography and Arts in the Amazons of Pará," aimed at creating pedagogical activities for undergraduate education and their possibilities of application in Basic Education. Consequently, this article also serves as an experiential report on lesson planning and teaching practice at Jarbas Passarinho State Elementary and High School, as a requirement for the undergraduate course "Internship in Visual Arts Education/High School" held in the second semester of 2023, with the objective of practicing the dissemination of research in Visual Arts produced during Scientific Initiation at the Federal University of Pará. In this context, triangulation is an important tool for the training of Visual Arts teachers, building possibilities for reflection and action in undergraduate studies, as well as in the development of planning and teaching methodologies in Visual Arts.

Keywords: Art Teaching. Photography Teaching. Supervised Internship. High School. Critical Histories of Photography in the Amazon.

INTRODUÇÃO

Nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará (UFPA) temos possibilidades de pensar críticamente sobre o fazer artístico e os impactos da colonização da Amazônia de maneira crítica, por meio dos grupos de pesquisa “Arte Política e Experimentação nas Amazônias Paraenses” (LabAmpe); da Sala Arthur Leandro Táta Kinamboji de Ensino, Arte e Cultura Afro-Amazônica; do Grupo de Estudos Antirracista e Antissexista Zélia Amador de Deus (GEZA) e seus respectivos trabalhos de Projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão. A partir de 2012, o grupo LabAmpe começou as investigações voltadas à imagem e ao imaginário exótico sobre a Amazônia de maneira crítica, por meio de dois Projetos de Pesquisa: “Sobre a pele, o rio: a paisagem no território da cultura atravessando o campo da Arte” (2013-2019) e “Sobre outras histórias críticas da fotografia e da Arte nas/das Amazônias paraenses” (2019-2024) onde nos propusemos a investigar: qual o papel das Artes Visuais na propagação de discursos sobre a Amazônia e quais discursos tem sido mais propagados por meio de imagens.

O projeto “Sobre outras histórias críticas da fotografia e das Artes nas/das Amazônias paraenses”, levanta pontos de investigação diferentes da história oficial, que são localizados nos centros hegemônicos, como as capitais, e espaços urbanos, e tem como ponto de partida a fotografia na Amazônia nos contextos dos interiores do estado do Pará: Ourém, Breves, comunidades Quilombolas e etc, e por meio

dessas investigações conseguimos contar outras histórias da fotografia e elaborar processos de ações colaborativas e "escritas autônomas" (SILVA; LEÃO, 2024), construindo outras teorias para a história da fotografia na Amazônia paraense.

Então, durante essas investigações do projeto, concluímos que a fotografia, assim como a pintura, o desenho e a gravura na época da colonização, seguiram o que Benedito Nunes (1998) chamou de "Tradição Exploratória", que diz respeito à prática artística de documentar o território para explorar e dominar, o filósofo diz que os fotógrafos, agora paraenses, são os continuadores dessa tradição começada por artistas europeus. Ainda que Nunes não estivesse falando em uma perspectiva crítica a esse modo de fazer imagens, foi a partir dessa afirmação que detectamos um padrão, uma maneira de fazer imagens e de olhar que é antiga, europeia, demarcada pela branquitude e, com base nos relatórios de pesquisa do projeto, entendemos que essa prática fotográfica se estende até a atualidade.

Dessa maneira, partindo desse princípio de que os discursos e, logo, as imagens construídas sobre a Amazônia são carregadas de um olhar externo a ela (PIZARRO, 2012), e portanto constroem e endossam um exotismo, levantamos um outro ponto de investigação: quais as relações éticas na prática fotográfica, ou seja, em que medida as relações de poder construídas no colonialismo (que envolvem raça e as relações entre centros hegemônicos, as margens e as periferias), moldam as relações que o fotógrafo têm com as pessoas que ele fotografa e como tudo isso se relaciona às apropriações e expropriações sobre o direito de imagem de outrem, de territórios e paisagens.

Diante dessas outras perspectivas, buscamos pensar na educação da imagem como possibilidade de repassar este conhecimento e assim revisar conteúdos e metodologias da educação tradicional, que exclui e invisibiliza de maneira proposital toda contribuição cultural, política e artistica dos povos negros, indígenas e ribeirinho para a cultura brasileira, e mais especificamente amazônida. Vale ressaltar, que as Artes Visuais foram/são ferramentas para manter uma visão positivada do colonizador europeu e seus descendentes, e com isso encobrir os crimes contra a humanidade cometidos durante os séculos de colonização, portanto,

a educação atua em favor do que a psicóloga Cida Bento (2022) chama de “Pacto Narcisístico da Branquitude”.

Dessa maneira, o seguinte trabalho traz dois relatos de experiência a fim estabelecer um diálogo entre professora e aluna dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da UFPA, a partir das práticas pedagógicas realizadas na disciplina “Fundamentos da Fotografia” e “Laboratório de Fotografia” e das discussões geradas a partir do Projeto de Pesquisa “Sobre outras Histórias Críticas da Fotografia e das Artes nas Amazônias Paraenses”, em uma tentativa de pensar formas de socializar a pesquisa tanto para o ensino na graduação, como na educação básica através dos estágios supervisionados obrigatórios. Sendo assim, na primeira sessão deste artigo se dará o relato de experiência da docente das disciplinas de Fotografia e a segunda sessão trará o relato de experiência da discente da graduação em sua atuação no Estágio em Ensino das Artes Visuais/Ensino Médio, que foi realizado no segundo semestre de 2023 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho na cidade de Belém, para o qual foi utilizado o material elaborado na pesquisa e nas disciplinas de Fotografia na criação de atividades pedagógicas de planejamento de aula e regência.

O CONTEXTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DAS DISCIPLINAS DE FOTOGRAFIA NA LICENCIATURA E BACHARELADO EM ARTES VISUAIS NA AMAZÔNIA PARAENSE

Atuando no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará desde 2009, pude, mesmo com as ementas estruturadas para ensino da fotografia ocidental e sudestina ir aos poucos criando estratégias como: reunir uma bibliografia de apoio e a atualização continuada das práticas pedagógicas comprometidas com a revisão dos pontos de vistas por uma história crítica da fotografia no contexto paraense. O então Projeto Político Pedagógico dos Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais (PPC/2007) continha, em seu desenho curricular, duas disciplinas para ensino da Fotografia: Noções da Fotografia e Laboratório de Fotografia. Todavia, é com os estudos para atualização do PPC de 2019, que possibilitaram a criação do Núcleo de Diversidade

composto de sete disciplinas seguindo as Diretrizes do Ensino da Relações Étnico-Raciais e do Ensino de Histórias da Arte Africana e Afro-Brasileira (2004). Nesse contexto de atualização, como professora titular das disciplinas, recriei as ementas comprometidas com temáticas que avançassem em práticas fotográficas críticas e emancipatórias.

> **Fundamentos da Fotografia**
> **Ementa:** Os fundamentos da imagem fotográfica, a partir da sombra, da luz e do tempo. Do ponto de vista crítico introduzir a História da Fotografia Europeia, Latino Americana, Norte Americana, Africana e Asiática e seus impactos no que se refere a imagem, técnica, arte e política, racismo científico, grandes exposições e o mercantilismo da imagem. Introdução e práticas de processos fotográficos primários e do preto e branco e a utilização de câmera fotográfica, e dispositivos móveis bem como suas técnicas de construção da imagem. Atentando às leis 10.639/03 e 11.645/08 nos processos de criação e construção de imagens e para de ensino-aprendizagem da fotografia.
>
> **Laboratório de Fotografia:**
> **Ementa:** A partir do uso teórico e prático da imagem fotográfica aprofundando as relações entre o gênero retrato e a paisagem. A partir dos pontos de vistas crítica das imagens, atentar para o que chama a herança dos viajantes e a contribuição da fotografia e da arte para criação de ideologias racistas; Trabalhar a partir da teoria do olhar opositor e por uma prática da Fotografia nas Amazônia da revisão e atualização a partir crítico da fotografia como expressão e uso pedagógico e ético da imagem. Atentando às leis 10.639/03 e 11.645/08 nos processos de criação e construção de imagens e para de ensino-aprendizagem da fotografia. (PPCs , 2019-2023)

Não podemos deixar de relacionar que todo esse processo que foi sendo construído, atravessaram ou foram atravessados, pela atuação do grupo de pesquisa Arte, Política e Experimentação nas Amazônias Paraenses (LabAmpe), dos projetos de pesquisa realizados ao longo desse tempo como citamos na introdução; dos Projetos de Ensino e Extensão vinculados a Sala Táta Kinamboji de Ensino Arte e Cultura Afro-Amazônica, e do Grupo de Estudos Antirracista e Antisexista Zélia Amador de Deus, pois essa junção de ações envolvem a formação de professoras/es da educação básica para o Ensino das Relações Etnico-Raciais com o objetivo de criar material didático sobre o uso ético e do direito de imagem. Os projetos em si formam como se fossem raízes aéreas como foi pensada a

imagem do grupo de pesquisa Lab Ampe, de modo que expandir seus ramos como eixos norteadores para a construção de pensamentos críticos deslocados de um centro hegemônico na relação direta para contrapor com o que Benedito Nunes (1998) revela da herança fotográfica deixada pelos fotógrafos viajantes e suas práticas de Tradição Exploratória, e principalmente para tensionar o modo que compreendemos a paisagem amazônica e o processo de objetificação de corpos que ocupam essa mesma paisagem.

Assim, os projetos de pesquisa dialogam e colaboram com coletivos, associações, núcleos de trabalho e articulações como a Associação de Mulheres Munduruku Wakoborun e o Núcleo de Articulação e Resistência do Quilombo Campina/Vila União (Narq - Campina/Vila União), por exemplo. Desse modo, estabelecemos um trabalho encadeado em que conseguimos criar uma rede de ações formadoras de modo compartilhado, que parte também dos diálogos internos das ações de colaborativas inter e entre grupos, envolvendo as atividades da pesquisa, do ensino e da extensão. Uma outra prática que considero importante citar é uma atividade realizada dentro do ambiente das disciplinas de Fotografia, da sala de aula, por meio de intervenções pedagógicas em que as pesquisadoras/es em formação apresentam o relato sobre aspectos e/ou recortes das suas pesquisas na iniciação científica. Assim, essa atividade é um importante mecanismo prático para afirmar os agenciamentos que ocorrem no âmbito da pesquisa e das práticas de exercício da fala.

O referencial teórico para discussão desta unidade pedagógica é o Olhar Opositor da escritora e teórica da imagem, a norte-americana, bell hooks (2019) em conversa com o que Rosane Borges nomeia de Imagens Emancipatórias, como um elo para produção de imagens de outra natureza, imagens que rompem os pactos de violência, pacto narcísico assim como, inferir sobre possibilidades de constituir futuros. Neste sentido, as atividades afirmam que o que produzimos e realizamos enquanto pesquisa deságua na prática do ensino da fotografia em diálogo com os projetos de pesquisa, de ensino e extensão e de estágio, são fundamento para que consigamos vislumbrar outros horizontes possíveis.

Das nossas atividades pedagógicas, como exemplo "Nas Ilhas" da disciplina de Laboratório de Fotografia, em que atravessamos para a região das Ilhas na capital paraense, trabalhamos sobre o gênero do retrato e da paisagem para criar outras relações éticas e de cuidado entre o/a fotógrafo/a e o/a retratado/a, e entre fotográfo/a neste outro território. Esse deslocamento está para além do ensino da fotografia enquanto técnica, mas serve principalmente para entender a prática de chegar e estar nos lugares, de como lidar com esse espaços, com pessoas que vivem lá, compreendendo as relações de respeito e alteridade de corpos que não fazem parte do universo acadêmico, mas que na academia e no sistema da Arte são objetificados e, nessa lógica, podem além de ser fotografados sem sua permissão prévia, não saber que suas imagens foram ou estão expostas em espaços e materiais inacessíveis a eles.

“Nas Ilhas” é a tentativa efetiva de criar fissuras para romper os modos de produção de imagens baseada na expropriação e na objetificação de corpos subalternizados para criar a então “Visualidade Amazônica", tensionando as questões voltadas sobre o direito ao olhar e ser olhado que está intimamente ligado à sobreposição do direito autoral do/a fotógrafo/a sobre o fotografado/a, possibilitando também questionar a relação entre direito autoral e o uso de imagem por uma ética da imagem; aguçar o pensamento crítico sobre a apropriação, expropriação de imagens em lugares considerados periféricos; e da objetificação de corpos e da paisagem no contexto da amazônia paraense.

Por fim, o movimento de deslocar aulas de fotografia para a beira do rio é saber que são ações que envolvem todas nós, ali reunidas, e as outras pessoas que ali encontramos e estamos juntas por aquele tempo; que é preciso saber chegar e saber sair, o que deixar, o que levar e intentar práticas não exploratórias, e saber que fotografar não é fazer safari… e saber, principalmente, sobre os sentidos das águas, dos banhos, das curas, dos cuidados e de amores…

ABORDAGENS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais no ano de 2018, busquei estar inserida no campo da iniciação científica e tive a oportunidade de conhecer mais a fundo não somente o sistema acadêmico em produção de artigos e relatórios, mas de aprender as disciplinas da graduação a partir do viés crítico que a pesquisa me trazia, portanto, para mim foi uma oportunidade de me formar enquanto uma pesquisadora. Da mesma forma, por estar também em uma Licenciatura, reconhecia a importância de levar todo esse viés crítico que aprendi nos projetos de pesquisa “Sobre a pele, o rio: a paisagem no território da cultura atravessando o campo da Arte” e “Sobre outras histórias críticas da fotografia e da Arte na Amazônia paraense”, para todas as experiências que tivesse em sala de aula, assim como para os exercícios de planejamento e regência durante o processo de formação nos Estágios Supervisionados.

Sendo assim, em 2023, para a disciplina de Estágio em Ensino das Artes Visuais - Ensino Médio, tive a oportunidade de falar pela primeira vez sobre a minha pesquisa acerca da História da Fotografia na Amazônia nas escolas, pois, para os estágios que concluí em Ensino Fundamental e em Espaços Culturais, elaborei o conhecimento desenvolvido na pesquisa - ou seja, a crítica à colonialidade e as relações de poder - a partir de artistas que não são fotógrafos como: Jaider Esbell, Rosana Paulino e Zélia Amador de Deus. Além disso, o planejamento pedagógico para o Ensino Médio da professora de Artes Visuais da escola Jarbas Passarinho incluía a Fotografia como conteúdo programático, nesse sentido, passei a planejar a aula e a regência juntamente à minha dupla de estágio, utilizando como base o material da pesquisa, ou seja, a história da fotografia na Amazônia a partir de um viés crítico, e isso quer dizer falar sobre como as fotografias chegaram à região, de que maneira as relações entre fotógrafo e fotografado era estabelecida, e quem podia fotografar e quem era apenas fotografado, levantando os questionamentos, para que/quem servem essas fotos?

A partir de então, estabelecemos um diálogo entre o material da pesquisa, o trabalho de Gê Viana, que é uma artista indígena do povo Anapuru Muypurá do Maranhão e do fotógrafo viajante, o alemão George Huebner. A artista trabalha com litogravuras e imagens de arquivos da iconografia brasileira da época da

colonização, como as imagens de Joaquim Guilhobel e busca, com isso, trazer outro olhar para os sujeitos retratados de maneira tão objetificante, e criar outras narrativas sobrepondo colagens, pinturas, inserindo novos objetos, cores, elementos e símbolos, em um processo de retomada da identidade e da narrativa, reconstruindo o protagonismo do seu povo.

Por outro lado, George Huebner fez parte de um dos primeiros grupos de fotógrafos a registrar a Amazônia e, constatamos na pesquisa (SILVA; LEÃO, 2020) que esse grupo que fotografou pela primeira vez era de estrangeiros da Europa e dos Estados Unidos, alguns mais tarde montaram estúdios e fizeram álbuns governamentais, quando estes fotógrafos faziam retratos de pessoas negras e indígenas, muitos desses registros eram feitos de maneira coerciva, e evidenciam as relações de poder e de racismo nesta forma de olhar e de fotografar que é característico do modo branco, europeu e antropológico de olhar, no sentido de registrar e mapear como estratégia de dominação (GOMES, 2022). Então, utilizamos esses dois trabalhos de Huebner e Gê Viana como um referencial para refletir um pouco mais com os estudantes sobre: quais as questões éticas de retratar outra pessoa quando há relações de poder nessa troca?

Quando não questionamos as relações raciais e de branquitude no modo de fazer Arte também não vemos, ou encobrimos, o potencial de dominação que a imagem exerce sobre a identidade e o corpo de outra pessoa. Dessa forma, é que a pesquisa me deu embasamento teórico para trazer todas essas questões em sala de aula a partir dessas duas práticas fotográficas.

A aula se deu de maneira expositiva na qual, primeiramente, relatei o modo que as fotografias eram feitas naquele tempo, utilizando as obras de George Huebner como principal referência, ressaltando que, diferente de hoje em dia, em que muitas pessoas podem tirar fotos pelo celular, pouquíssimas pessoas podiam tirar e até mesmo ter fotografias antigamente, nesse sentido, refletimos sobre como as pessoas queriam ser retratadas porque, muitas vezes, ser fotografado, enquanto um corpo subalternizado, era imposto pela prática racista de fotógrafos/antropólogos como Huebner, que utilizou dessas fotos para lucrar com cartões postais vendidos para a Europa e também para ser reconhecido

profissionalmente como um etnógrafo (VALENTIM, 2012).

Em seguida, apresentamos aos estudantes a pesquisa e produção artística de Gê Viana no ramo da colagem, performance e fotografia por meio de vídeos que ela mesma apresenta, disponíveis no canal do Prêmio PIPA do *Youtube.* A seguir, mostramos a série "Paridade", revelando a eles um outro viés das Artes Visuais, já que neste caso a Arte é uma ferramenta de resistência que traz aspectos políticos e históricos importantes sobre o nosso território. A série "Paridade" começou a ser exposta em espaços urbanos pela técnica de lambe em 2017, se trata de um trabalho de fotomontagem, sobrepondo fotografias que a artista chama de "camadas". Nesta série, uma das camadas traz um retrato feito por ela, de parentes, amigos ou dela própria; a outra camada é de uma fotografia antiga de pessoas indígenas, algumas delas lideranças. Na sobreposição dessas fotografias se estabelece um diálogo direto, de forma que refletimos pela similaridade, a parentalidade, a ancestralidade e a resistência do povo preto e indígena ao processo de genocídio e apagamento proveniente da colonização.

Sendo assim, seguimos para uma análise comparativa entre as fotografias de George Huebner com os trabalhos da série "Paridade", explorando o conceito de memória e de resgate que a artista traz em sua obra, visto que as fotos de Huebner são similares às que a artista traz em seu trabalho. Um ponto que levantamos em sala, por exemplo, é que nas fotografias de Huebner muitas das pessoas retratadas não tinham nome e as pessoas fotografadas por Gê Viana sim, revelando um sujeitamento, oposto a prática objetificante colonialista. Destacamos então a diferença de intenção por trás das fotografias de cada artista, visto que, enquanto Huebner trabalhou pela ascensão pessoal, se apropriando e expropriando a imagem das pessoas que ele fotografou, Gê Viana traz um cuidado pelo coletivo, pela memória do seu povo, partindo da história da sua ancestralidade.

Para finalizar a aula, propomos um exercício de colagem com os retratos dos estudantes que imprimimos em papel A4, seguindo a atividade da professora de Artes Visuais da escola em uma aula anterior, na qual ela conversou com eles sobre como cada um/uma gostaria de ser retratado, retomando nossa discussão

sobre questões éticas da fotografia e do retrato. Sendo assim, eles mesmos escolheram seus respectivos retratos para trabalhar a colagem. Dessa forma, a partir de desenhos e imagens de revista os estudantes fizeram uma colagem com seu retrato e construíram um auto retrato que elaborou a questão da memória pessoal e seus afetamentos na sua identidade, ou seja, buscando refletir como os aspectos mais importantes da sua história, sua memória, construíram quem eles são hoje, a fim de desenvolver uma sensibilidade estética e expressiva. Os trabalhos foram concluídos, porém não podem ser exibidos neste artigo por conterem os retratos dos estudantes do 1° ano do Ensino Médio da escola.

Além desse trabalho de trazer as pesquisas do projeto para a educação básica, vale ressaltar a importância da participação ativa dos professores de Artes Visuais nesse processo de estágio, pois na universidade, estamos mais acostumados com vocabulário e conceitos elaborados que, em geral, não são discutidos de maneira aprofundada nas escolas, como as questões de colonialidade e a descolonização, o racismo estrutural e etc. Todavia, a experiência com a professora de Artes Visuais da escola é outra, ela traz essas discussões com frequência em suas aulas, assim como as questões do patriarcado, do liberalismo, das relações de poder, lgbtfobia, dentre outras questões sociais brasileiras. Portanto, ela auxiliou bastante a nossa regência, intervindo para explicar mais detalhadamente quando falávamos do racismo contra os povos indígenas, das práticas de apropriação e expropriação, para que os estudantes pudessem compreender e refletir mais sobre o que estávamos falando. Posteriormente, em uma reunião com ela, em que nos deu suas impressões sobre a nossa regência, sugeriu que, ao invés de simplesmente falar dos conceitos e teorias, poderíamos levantar mais questionamentos para direcionar a reflexão deles, ao invés de apenas colocar nossas reflexões, saindo do molde tradicional de metodologia didática. Sendo assim, a parceria que a professora orientadora/supervisora do estágio faz com as professoras das escolas para conduzir a nossa experiência em sala de aula é de extrema importância, pois é uma realidade na educação brasileira a ocupação da vaga de professores de Artes por pessoas sem formação em licenciatura em Artes em

qualquer uma das modalidades e, por isso, não têm conhecimento teórico-metodológico para a mediação de conteúdo próprio da nossa área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marilda Oliveira de Oliveira e Fernando Hernández (2005) falam da importância de todas as disciplinas de uma graduação em Licenciatura estarem alinhadas com as disciplinas de estágio supervisionado para uma boa formação de professores. Dessa forma, percebe-se que mesmo com a pouca, ou nula, integração entre componentes curriculares do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPA, com os dos Estágios Obrigatórios; e mesmo com o tempo curto de estágio que temos nas escolas para planejamento de aula e regência, os diálogos que nós estabelecemos entre a pesquisa, a graduação, e as escolas geraram trabalhos importantes como os citados aqui neste artigo, além de outros que geraram Trabalhos de Conclusão de Curso, a Revista “Memórias Autônomas do Quilombo Campina/Vila União” elaborado pelo NARQ-Campina/Vila União, com a colaboração do grupo LabAmpe e da Sala Tatá Kinamboji, formação e planejamentos pedagógicos junto ao Núcleo de Arte e Cultura da Secretaria de Educação do Município de Belém - NACE/SEMEC; e atividades em escolas como o I Sarau de Experimentação artística da Escola Santo Agostinho, revelam as possibilidades que essas integrações e diálogos podem gerar na formação, tanto para a universidade quanto para as escolas. Portanto, são essas pontes que construímos entre o ensino superior e o básico, que temos a oportunidade de experimentar outras metodologias e outros conteúdos curriculares que precisam ser trabalhados e elaborados de maneira estratégica e com tempo para essa elaboração, e que são importantes para refletir e construir nossa identidade docente (LAMPERT; OLIVEIRA, 2010), assim como são importantes como um retorno para a pesquisa em Artes Visuais e em Ensino das Artes Visuais para aprimorar cada vez mais a formação de professores.

Portanto, é por meio dessas mediações que se abrem possibilidades de reflexão para deixar o conhecimento cada vez mais acessível em uma educação formal tradicional eurocêntrica, que é composta nos valores neoliberais e de meritocracia, apesar de termos leis que busquem flexibilizar essa realidade como a

Lei 10.639/2008 atualizada pela Lei 11.645/2008, que prevê o ensino de Arte e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena na escola e na universidade e a Lei nº 12.711/2012, de cotas, para democratizar o acesso à universidade pública e permitir que as epistemologias que são silenciadas no processo colonial e neocolonial encontrem espaços na academia e em outros setores sociais, culturais e institucionais.

Nessa triangulação entre a universidade, a pesquisa e os estágios nas escolas, portanto, se pode revisar e construir novas formas de aprender a História da Arte e, nesse caso, a história crítica da fotografia na Amazônia, e outras maneiras éticas de exercer a prática fotográfica, compreendendo uma "autoatualização" (HOOKS, 2017) da/do professora/professor e do conteúdo que ela/ele ministra, construindo reflexões de possibilidades de atuação nos setores educacionais, para a formação de professoras e professores de artes e para a formação de artistas com outros olhares, críticos e agenciadores da realidade, de forma a praticar um ensino e aprendizagem que estejam mais alinhados com o que bell hooks (2017) classifica como "pedagogia engajada" e uma "educação como prática da liberdade".

REFERÊNCIAS

Livro

BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude.* São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p.

BORGES, Rosane. Prefácio à Edição Brasileira: Das Perspectivas que inauguram novas visadas. In *Olhares negros, raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Olhares negros, raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir:* a educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. 283 p.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando. *A formação do professor e o ensino das artes visuais.* Santa Maria: UFSM, 2005.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio*: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

VALENTIN, Andreas. *A Fotografia Amazônica de George Huebner.* Rio de Janeiro: Nau Editores, 2012.

Capítulo de livro

NUNES, Benedito. Amazônia reinventada. *In:* MAGALHÃES, Ângela (Org.). *II FOTONORTE*. Amazônia: o olhar sem fronteiras. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

Trabalhos acadêmicos
SILVA, Tainá; LEÃO, Claudia. *Entre Arte Existências na Amazônia Paraense*: mapeamentos, interlocuções e levantamento bibliográfico. Belém. Relatório de Iniciação Científica. Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SILVA, Tainá; LEÃO, Cláudia. *Sobre outros olhares e escritas autônomas como arte e política.* Belém. Relatório de Iniciação Científica. Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

- Artigo em Periódico
GOMES, Peti Mama. Antropologia nos países de CPLP: o caso da Guiné-Bissau entre experiências, práticas, didáticas e pedagogias. *Ayé*. II Semana de Antropologia da UNILAB. v.4. n.1, p. 26-44, dez. 2022.

LAMPERT, Jociele; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Artes Visuais e o Campo de Estágio Curricular. *Nupearte*, Florianópolis, vol. 8, N° 8, p. (78-93), set. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/issue/view/268>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

- Documento
Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, 2007.

Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

_____. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. 2004.